

A AFIRMAÇÃO DA CIDADANIA DO IDOSO NA UCDB

Neila Barbosa Osório Sinésio¹

A UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO NA AFIRMAÇÃO DA CIDADANIA DO IDOSO

O papel sócio-cultural e político das Universidades na afirmação da cidadania do idoso tem sido pouco discutido, e quando isso acontece, o enfoque resume-se em abordagens ideológicas ou partidárias, revestindo-se assim, de pouca ou nenhuma objetividade. O idoso constitui cada vez mais uma significativa parte do povo brasileiro. Pode-se afirmar que a grande maioria de nossas Universidades por omissão ou mesmo por desconhecimento não tem favorecido o exercício da cidadania.

As Instituições de Ensino Superior estão preocupadas em garantir a formação profissional de seus acadêmicos, preparando-os para o mercado de trabalho e empreendendo para tanto revisão e atualização de currículos, metodologias e técnicas, ignoram, porém, quase que totalmente, a necessidade de incluir no processo educacional discussões e reflexões sobre a realidade social, sobre as relações do cotidiano com as quais os futuros profissionais irão se deparar em suas atividades.

¹ Professora da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB. Mestre em Educação pela UCDB.

A consequência desta situação é que a maioria dos estudantes sai para o exercício profissional com uma noção distorcida, tanto do mercado de trabalho no qual deverá ingressar, como do próprio meio social no qual suas atividades deverão se desenvolver.

Tal inadequação e desajuste traz consequências negativas, tanto para os formandos que vão encontrar enormes obstáculos para iniciar suas carreiras, como para a própria sociedade, que deixa de contar com pessoal capacitado para atendê-la convenientemente.

Pretende-se discutir concretamente, neste artigo, quais as contribuições da Universidade Católica Dom Bosco na afirmação da cidadania do idoso.

Na tentativa de definir cidadania, é importante retomar o que diz NETTO (1997), em palestra proferida no IV Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade das Instituições de Ensino Superior, de 19 a 27 de novembro de 1997:

“Cidadania, a meu ver, pode ser vista como o direito que cada pessoa tem de receber da sociedade à qual pertence e do Estado ao qual está subordinada, as condições necessárias e suficientes para que possa viver com liberdade e dignidade em termos de renda, alimentação, saúde, habitação, educação, segurança, transporte, justiça, autodeterminação e lazer, entre outros, dispondo, ao mesmo tempo, de oportunidades amplas e concretas de poder dispor de todos os bens e serviços produzidos pela sociedade e garantidos pelo Estado.

Em contrapartida, cada cidadão tem o dever de retribuir à sociedade e ao Estado todos os benefícios e benesses recebidos, por meio de atividades produtivas, desempenho correto dos seus papéis sociais, cumprimento de suas obrigações cívicas em todos os setores ou níveis socioculturais onde atua, obediência às leis e regulamentos que tornam civilizado o convívio entre as pessoas em qualquer espaço físico e participação em ações conjuntas que sustentam e garantem a manutenção dos direitos fundamentais de todas as pessoas que com ele compartilham os ideais comuns de convivência”.

Sendo assim, para se exercer a cidadania, é preciso estar consciente de que direitos e deveres interpenetram-se sem colidir. O cidadão não pode pretender desfrutar apenas seus direitos sociais, na suposição de que a sociedade e o Estado lhe devem tudo; ambos não podem tudo, embora também, não possam exigir que as pessoas cumpram fielmente seus deveres sem lhes oferecer algo em troca.

Convém destacar que a sociedade e o Estado não são entidades místicas ou abstratas que pairam acima de tudo e de todos, mas instituições que representam a vontade das pessoas que os integram e legitimam.

Em suma, não se deve creditar à população e ao poder público poderes superiores e incontestáveis, nem supervalorizar o individualismo intocável e a liberdade pessoal inviolável. Nada, nem ninguém, pode estar acima de uns e outros ou ser considerado superior aos outros.

A população e o poder público devem refletir o sentimento e pensamento coletivos, estabelecendo regras de convivência pacífica e produtiva entre pessoas e criando condições para garantir o exercício pleno da cidadania, dos direitos e dos deveres. Cabe-lhes, ainda, estabelecer os instrumentos de controle social, os mecanismos de defesa e segurança; bem como os meios para assegurar a liberdade de pensamento e ação e a administração da justiça.

Os cidadãos, por sua vez, devem respeitar as regras sociais, obedecer aos preceitos de defesa e segurança e acatar as decisões da justiça, ficando sempre atentos, para que a sociedade e o Estado não só lhes forneçam todas as condições para o exercício da cidadania, como estejam sempre atuantes, criando mecanismos eficientes de limitação e controle das ações tanto dos próprios agentes sociais, como dos representantes estatais, evitando a violência, as injustiças sociais e os arbítrios ou autoritarismo do Estado.

A partir de tais pressupostos, cabe às Instituições de Ensino Superior, em destaque a Universidade Católica Dom Bosco, entender

e exercitar a importância de oferecer espaços culturais, educacionais e pesquisas para o idoso de Campo Grande – MS; formar pessoal competente (o que não é feito pela maioria das Universidades) como cidadãos conscientes e atuantes, capazes de exercer plenamente não só a própria cidadania, como trabalhar concretamente para que todos os segmentos sociais também possam exercê-la o que, igualmente, está longe de acontecer .

Voltando para o papel das Instituições de Ensino Superior na afirmação da cidadania do idoso, pode-se afirmar que isso começou a acontecer de fato quando se criaram e implantaram os primeiros projetos de Universidade Aberta para a Terceira Idade, tanto nas instituições públicas como privadas.

Na realidade, pouca gente sabia da existência de algo desse tipo em nosso país, até quinze anos atrás. Um trabalho iniciado na Universidade Federal de Santa Catarina pelo Núcleo de Estudos da Terceira Idade e das Escolas Abertas da Terceira Idade do SESC, surgiu como tentativa de se abrir um espaço educacional para a participação de idosos de uma forma exclusiva e com objetivos definidos. Os poucos que sabiam alguma coisa no gênero tinham informações dos trabalhos do professor francês Pierre Vellas, que nos anos sessenta, apresentou uma proposta de Universidade Aberta para a Terceira Idade em Toulon, junto à Universidade daquela cidade na França.

Tratava-se, sem dúvida, de uma lacuna, pois a Universidade, como instituição educacional, científica e social, tem sempre a obrigação de estar detectando novos fenômenos e participando dos acontecimentos, por meio da investigação e do estudo sistemático, transformando suas conquistas no plano acadêmico em contribuições práticas para a sociedade, já que o conhecimento científico só tem valor real, sentido efetivado quando é colocado a serviço da sociedade e reconhecido popularmente.

Assim, a iniciativa da UCDB em criar a Universidade da Melhor Idade teve uma repercussão e, desde o princípio, constituiu-se

em um enorme sucesso educacional e social em nosso Estado, tanto que já está sendo convidada para representá-lo regional e internacionalmente. Foi, sem dúvida, um passo gigantesco enquanto proposta destinada a abrir as portas da universidade para pessoas idosas, muitas das quais nem sequer haviam pisado o espaço de uma Instituição de Ensino Superior. Foi, com certeza, uma forma concreta e positiva de democratizar o “solo sagrado” e freqüentemente elitista de uma universidade brasileira.

Mas foi, sobretudo, um resgate efetivo da possibilidade de dezenas e centenas de pessoas retornarem ou iniciaram seus estudos, de reciclarem seus conhecimentos, de atualizarem suas informações. Os acadêmicos da Melhor Idade não têm necessidade de apresentar nenhum diploma ou certificado. Ninguém precisa se submeter a provas ou exames, nem é obrigado a apresentar trabalhos e muito menos se preocupar com notas e avaliações de eficiência duvidosa e de resultados discutíveis.

A UCDB está oferecendo um curso em que as pessoas estão aprendendo ou reciclando seus conhecimentos no sentido mais puro do ideal educativo, isto é, conhecer mais para serem melhores pessoas; conhecerem mais para colocar seus aprendizados a serviço da comunidade; aprender mais para serem cidadãos mais conscientes e participantes e sobretudo conhecer mais para se darem conta de que envelhecer não significa abrir mão de viver.

Por isso, além de uma proposta educacional, a UCDB destacou-se como uma experiência de renascer, de reviver, de despertar novamente para a vida. Segundo desabafou a acadêmica Tereza, 60 anos, que freqüenta regularmente o curso : “ *Após uma longa viagem de lazer, ainda achei ânimo para vir à Universidade de tanto bem que ela está fazendo em minha vida*”.

O programa apresentado pela UCDB considera uma série de potencialidades das pessoas que se encontram nessa fase da vida:

GUERREIRO (1995, 214) apresenta aspectos importantes sobre a terceira idade, que muito bem se encaixam aqui:

- 1) *na terceira idade, a pessoa torna-se mais detalhista e mais paciente;*
- 2) *a crescente sabedoria permite uma maior capacidade de julgamento;*
- 3) *a elementaridade permite a distinção entre o banal e o fundamental;*
- 4) *o reconhecimento do valor da vida solicita a urgência e a necessidade de atuação com nível surpreendente de envolvimento pessoal que, por sua vez, estimula a criatividade;*
- 5) *a velocidade é substituída pela acuidade, a capacidade de recordação aumenta, a diminuição da capacidade de novas conexões intelectuais é substituída pela experiência;*
- 6) *o envolvimento com negócios cede lugar às responsabilidades no contexto familiar e comunitário;*
- 7) *as paixões e a volúpia são substituídas por deleites mais refinados;*
- 8) *a questão sexual é redimensionada no sentido do amor, do calor humano, da partilha, da intimidade, do toque entre as pessoas;*
- 9) *atitudes e preferências ganham maior estabilidade;*
- 10) *a participação política e de cidadania torna-se mais efetiva;*
- 11) *há menor temor da morte, na medida em que a força do corpo é substituída pela força do espírito;*
- 12) *entre a situação real e a situação potencial abre-se espaço para o compromisso social, político e para a ação.*

Ora, ao trabalhar com tais potencialidades não realizadas, a UCDB foi ao encontro dos interesses dos integrantes da Terceira

Idade que não encontravam um caminho, um canal adequado. Nesse sentido, dentro de uma sociedade que marginaliza as pessoas que vão envelhecendo, como se envelhecer fosse crime, verdadeiro pecado e não a simples consequência de um processo biológico natural, dinâmico, progressivo e irreversível, a implantação do curso proporcionado pela UCDB representou uma oportunidade sem igual para fazer os idosos se reencontrarem, redescobrirem o potencial, perceberem-se como cidadãos ativos e participantes, recuperando sua auto-estima, resgatando sua auto-imagem e mostrando aos familiares e à sociedade como um todo capacidade de pensar e agir por si mesmos e de ir à luta pelos direitos e pela conquista de seu legítimo espaço social.

Nesse sentido, alguém já disse, sarcasticamente, mas com uma ponta de verdade, que é muito provável que um projeto que contempla a Terceira Idade, justamente por se tratar de uma proposta atualizada que reflete as próprias transformações da nossa sociedade, possa vir a desesclerosar as estruturas atuais de nossas universidades...

Entretanto, mais do que uma proposta de educação permanente, a UCDB é a confirmação de uma grande conquista social, na extensão em que oferece uma oportunidade concreta de renascer para muitas pessoas que julgavam não gostar de si mesmas; que haviam desistido de viver; que sentiam o desprezo ou a desconsideração familiar; que viviam tristes, solitárias, deprimidas.

Hoje, quando se pode perceber o ânimo, a disposição, a vontade, a energia, a vitalidade dos alunos deste curso, quando essas senhoras e esses senhores transformam-se em estudantes entusiasmados e – diga-se de passagem – muito mais interessados, muito mais motivados, muito mais assíduos, que lêem efetivamente muito mais que garotas e garotos dos cursos de graduação da Universidade, o entusiasmo toma conta de todos os envolvidos. Como educadora é possível ver como o que é ensinado e aprendido nos cursos é incorporado verdadeiramente ao patrimônio cultural dos alunos, servindo

de referência a seu cotidiano, como esses alunos têm capacidade fantástica de estabelecer uma interação entre o que aprenderam na escola da vida e aquilo que recebem na UCDB. É compensador porque está havendo mudanças quantitativas e qualitativas no comportamento, nos valores e nas atitudes das pessoas.

Muitas vezes, ao olhar os rostos dos alunos e o brilho que neles se estampa, quando a maneira dinâmica do comportamento nas aulas e demais atividades desenvolvidos no espaço universitário, assistindo ao alegre burburinho dos grupos, nos intervalos de aulas, disputando com os alunos dos cursos de graduação e até de pós-graduação um lugar nas mesinhas das lanchonetes ou um espaço no balcão, sem a menor inibição ou constrangimento, disposição e animação nos passeios e excursões, dando um verdadeiro cansaço em quem os acompanha, confirma-se que a antiga observação segundo a qual “juventude é um estado de espírito” não passa de uma simples frase de efeito.

Hoje, juventude, realmente, não se define pela idade; ela não é um fato cronológico restrito a uma fase da vida; juventude não é um momento fugaz, perdido no passado. Juventude define-se pela forma como cada um enfrenta a vida; juventude manifesta-se na manutenção dos sonhos e dos ideais; juventude expressa-se na capacidade de estar sempre elaborando novos projetos e, ao mesmo tempo, vivendo intensamente o momento presente. Mais do que nunca, os alunos estão mostrando que juventude não está no físico das pessoas, está registrada na alma e no coração de cada um que ama a vida e que tem muito para dar.

Porém, há críticas às estruturas e ao funcionamento da UCDB, do ponto de vista dos aspectos demográfico, humanístico e instrumental sob os quais se assentam a própria da criação do curso para a Terceira Idade.

Assim, por exemplo, do ponto da perspectiva demográfica, coloca-se que a fração da população idosa que frequenta a UCDB é constituída, em grande parte, por pessoas oriundas da classe média,

as quais tiveram instrução regular e recursos para pagar os cursos existentes, em sua maioria em universidades particulares.

Sob tal prisma, a proposta da UCDB, se bem que válida como recurso de educação permanente e ainda que venha a trazer benefícios efetivos para os segmentos que a freqüentam, seria, em última análise, uma proposta boa, mas elitista, pois estaria deixando de lado o grosso da população idosa brasileira, formada por pessoas de baixa renda e, em boa parte, analfabeta.

Trata-se de uma crítica fundamentada, já que, efetivamente, os cursos oferecidos pelas universidades particulares são pagos, o que limita o acesso de muitos idosos com rendimentos mínimos, como é o caso de muitos aposentados e pensionistas.

Entretanto, é preciso lembrar que, embora pago, o programa oferecido pela UCDB tem taxa bastante reduzida tendo em vista os serviços que presta. Além do mais, a direção da Instituição tem encarado não como lucro, mas como uma contribuição da universidade à comunidade, preocupando-se apenas com a capacidade de auto-sustentação da proposta.

Para minorar a situação, a UCDB está procurando obter bolsas de estudo junto a empresas privadas, sindicatos e associações profissionais de classe, que tenham interesse, por exemplo, em contemplar seus aposentados.

A abertura do curso na UCDB a pessoas com menos de 60 anos tem motivado uma outra crítica do ponto de vista demográfico. Diz-se que pessoas com 45 anos ou 50 anos não representariam verdadeiramente a Terceira Idade, ocorrendo, assim, uma espécie de “desvirtuamento” ou de uma abertura precoce da universidade a tais estados etários.

Tem-se respondido a tal argumento crítico, afirmando-se que o tratamento geriátrico propriamente dito está sendo introduzido, como prática preventiva, a partir dos 30 anos para que as pessoas não

venham sofrer problemas graves de saúde mais tarde. A possibilidade de pessoas com menos de 60 anos fazerem também uma espécie de tratamento preventivo no que diz respeito aos aspectos sociais e psicológicos que cercam o processo de envelhecimento e que permeiam a concepção de velhice, seria uma forma mais do que adequada para enfrentarem, bem preparadas, os possíveis problemas que as aguardam, não sendo apanhadas de surpresa futuramente.

Pelo prisma humanístico, tem surgindo um outro tipo de crítica que aponta o perigo de a UCDB adquirir um caráter segregador, ou seja, ao se criar um curso específico só para pessoas em terceira idade, não se estaria separando ainda mais as pessoas maduras ou idosas dos contatos com outros etários? Isso não levaria a um isolamento ainda maior dessas pessoas?

Existem duas maneiras de responder esses questionamentos. Em primeiro lugar, o fato de se abrir o curso da UCDB para as pessoas com 45/50 anos não significaria aproximar esse grupo com grupos de idade mais avançada, possibilitando uma maior integração entre eles. Além do mais, não existe uma rigidez absoluta na admissão de pessoas com menos de 45 anos, até mesmo porque existe uma demanda significativa de pessoas abaixo daquele limite que desejam fazer o curso.

Como segunda resposta, pode-se dizer que tal caráter segregador existiria então no sentido inverso, isto é, pois nos cursos regulares de graduação é mínima a presença de pessoas com mais de 45 anos. A verdade é que tanto na UCDB quanto na universidade convencional os alunos estabelecem relações de convivência e sociabilidade em classe como extra-classe. Se, no caso dos universitários, a convivência e a sociabilidade estão ligadas a um mesmo interesse, relacionado com a formação profissional e a orientação para um determinado campo de trabalho, no caso dos alunos da Terceira Idade, a convivência e a sociabilidade estão centradas no interesse comum de ampliar ou reciclar conhecimento e receber informações para desfrute pessoal,

para resgatarem ou aumentarem a auto-estima, para se atualizarem com o mundo contemporâneo e disporem de mais elementos para se integrarem melhor na própria sociedade.

Resta um terceiro tipo de crítica que se relaciona com o ponto de vista ético-humanista. O tratamento dispensado aos alunos teria um caráter paternalista e protecionista, por lhes serem oferecidas todas as facilidades e não haver uma cobrança ou uma avaliação do desempenho como alunos. Ressalta-se que os cursos parecem ter um caráter mais lúdico que acadêmico, não acrescentar muita coisa em nível de conhecimento mais profundo, ficando na superficialidade de informações.

Ora, isso simplesmente não é verdade. Se, por um lado, não existem, de fato provas, exames, trabalhos ou outras formas de avaliar o conhecimento adquirido e se as aulas são ministradas de forma a possibilitar a perfeita compreensão dos alunos face à heterogeneidade de sua origem e formação, por outro, o curso fornece elementos fundamentais para a tomada de consciência e para o exercício da cidadania das pessoas que frequentam tal curso, além de capacitá-las para o entendimento dos temas contemporâneos. Acrescente-se que a simples frequência às aulas e às atividades constitui-se em um fator de quebra do isolamento e da solidão de grande parte do alunado e isso lhes fornece condições de derrubar muitos preconceitos e rever papéis que a sociedade tenta lhes impor.

Não podemos aceitar que este programa esteja voltado apenas para um consumo individual. Em 1999 no final do 3º semestre, os alunos elaborarão monografias, para participarem de projetos na área da educação, alfabetização de adultos e adolescentes; projetos sociais com outros idosos e crianças; projetos culturais, tipo resgate e preservação da memória; projetos ambientais; projetos de reinserção no mercado de trabalho para aposentados ou em projetos de geração de renda para desempregados ou famílias de baixa renda, entre outros. Todos com finalidade de servirem à comunidade.

O que se pode concluir de tudo o que foi exposto é que, embora a UCDB não constitua uma panacéia para todos os males que afligem os idosos brasileiros, nem se apresente com um funcionamento isento de críticas, constitui-se em uma alternativa à inatividade e aparece como um canal eficiente de participação e reintegração social para as pessoas em plena Terceira Idade. Sua contribuição para melhorar a qualidade de vida daqueles que a freqüentam, pelo menos no sentido existencial, é inegável.

Finalmente, o que fica como grande conquista do Projeto da UCDB pode ser destacado em dois planos: pessoal e coletivo.

No plano pessoal o destaque é para a possibilidade que as pessoas têm de melhorar a auto-imagem, retomar a auto-estima e obter um relacionamento familiar mais elevado, o que leva os alunos a falarem sempre de um renascer, de um reviver. Aquilino, 70 anos é um exemplo: *“Eu estava num estado de hibernação e agora que estou estudando meu ser se excita com tudo que sinto e vivo aqui”*.

No plano coletivo, a UCDB representa a criação de um espaço de participação, onde o bem-estar com a vida e com a idade passa a ser vivido grupalmente; ao mesmo tempo, é um espaço de negação do envelhecimento na sua concepção antiga-etapa de perdas, de frustrações e de falta de perspectiva.

O espaço oferecido pela UCDB possibilita o questionamento da velhice antes colocada em um plano de responsabilidade individual para recolocá-la como uma questão social coletiva, em que o problema não está nas pessoas, mas nas estruturas injustas da sociedade que precisa urgentemente ser transformada.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone de. *A força da idade*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

GUERREIRO, Patrícia. *A arte de envelhecer*. Campinas : UNICAMP, 1995.

JORDÃO NETTO. Palestra sobre o envelhecimento proferida no IV Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade das Instituições de Ensino Superior. Juiz de Fora-MG, 1997.

LÉA, Madalene. *Quem tem medo de envelhecer?* Rio de Janeiro : Record, 1983.